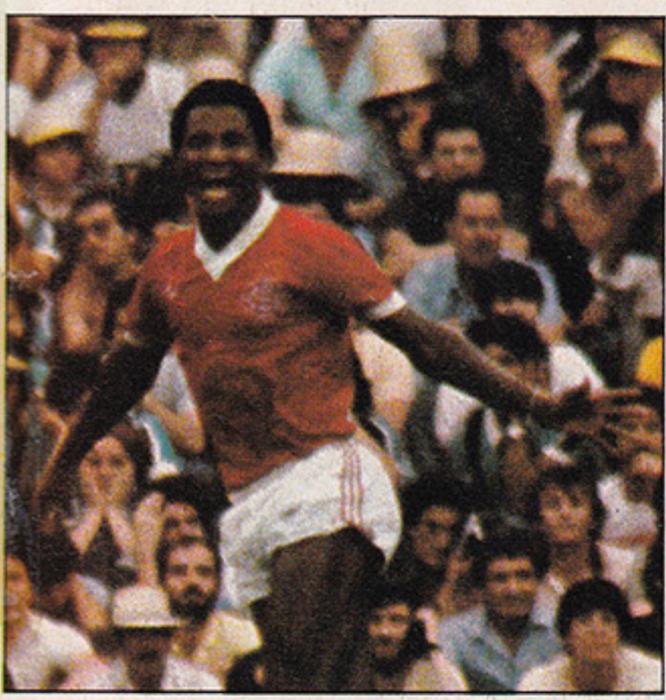


PLACAR

BAHIA
CAMPEÃO!



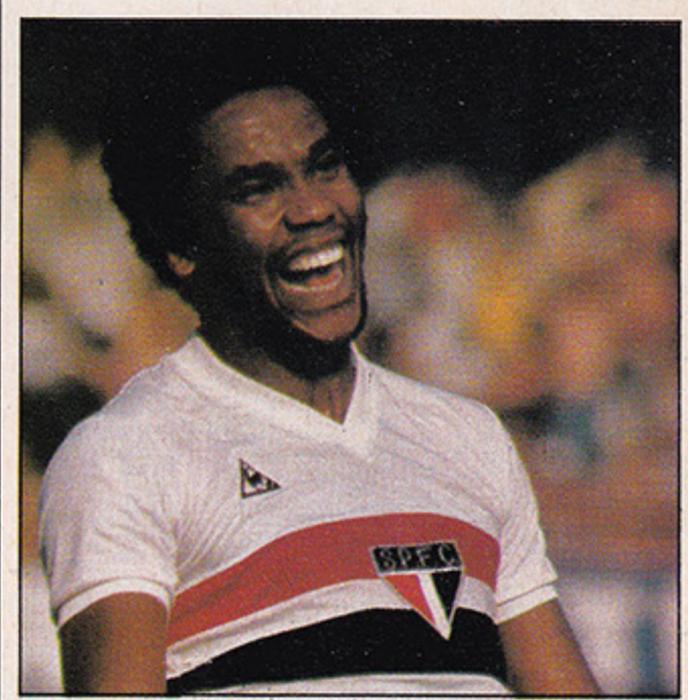
REVISTA ESPORTIVA SEMANAL DA EDITORA ABRIL ● N.º 603 ● 04/DEZEMBRO/1981 ● Cr\$ 150



**SUPERPOSTER
DA RAÇA
COLORADA**



**O PARANÃ
TE SAUDA,
LONDRINA!**



**SUPERPOSTER
DO TRICOLOR
QUE É BI**

CAMPEÃO!

São Paulo bi Os 2 x 0 contra a Ponte valeram um título que ele tanto mereceu



Começa a bela festa do Morumbi: Renato marca o primeiro gol e sai correndo para comemorar

JB SCALCO

**TU ÉS GRANDE,
TU ÉS FORTE!**

Os versos do hino tricolor, cantados por toda a torcida, mostram a verdade do futebol paulista: ganhou quem era maior e mais forte, quem realmente tinha craques e estrelas



Um time de estrelas joga sob quaisquer condições. Nem a chuva torrencial que caiu no segundo tempo nem a

A ruidosa manifestação da torcida foi surpreendente até mesmo para os são-paulinos mais fanáticos, desacostumados a explosões tão espontaneamente delirantes. Assim, quando se viram sossegados, em meio às comemorações mais comedidas que tiveram lugar no segundo andar do Morumbi — onde fica a concentração do time —, dirigentes e jogadores do São Paulo puderam avaliar melhor a importância do bicampeonato conquistado com a vitória de 2 x 0 sobre a Ponte Preta. Entre eufórico e emocionado, o dirigente Fernando Casal del Rey não soube o que dizer quando alguém afirmou que “a vitória do São Paulo salvou o futebol brasileiro”.

Imediatamente, porém, todos compreenderam o significado da frase e entenderam as razões para a festa da torcida ter superado as expectativas: no momento em que a inépcia dos cartolas engendra fórmulas complicadíssimas e deficitárias para os campeonatos, tirando o clima de disputa e afastando o público dos estádios, o São Paulo dá um raro exemplo de fé no futebol brasileiro, abrindo os cofres e investindo maciça-

mente num time de foras de série, de jogadores geniais, daqueles que cultivam a paixão pelo futebol jogado com arte.

Por alguns momentos, durante este campeonato paulista menos maluco do que mal-intencionado, a própria diretoria são-paulina chegou a duvidar da correção do caminho a que se lançara. Quando voltaram de uma excursão caçaníqueis ao exterior — feita para compensar os prejuízos causados pela insana fórmula de disputa — e começaram a per-

Equipe que não erra duas vezes seguidas

der jogos para adversários de nível técnico bem inferior, até mesmo alguns jogadores se deixaram abater pela incerteza. O uruguaio Darío Pereyra, por exemplo, um gigante de raça e de técnica ao longo de todo o certame — e principalmente nos jogos finais —, confessa que chegou a temer pelo futuro da equipe.

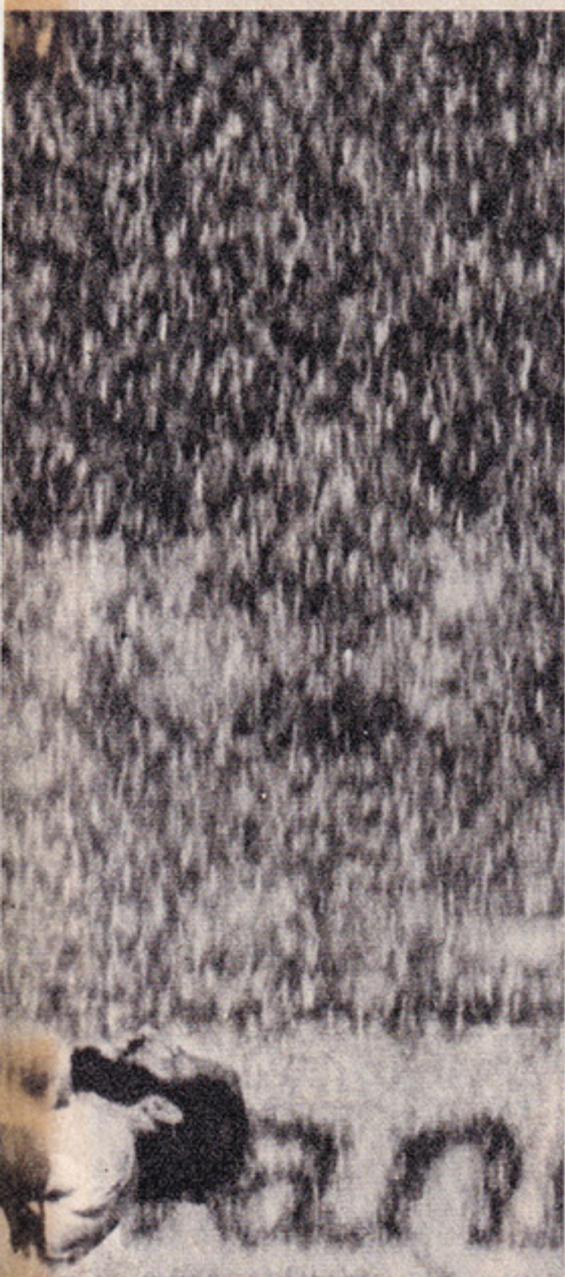
Um fracasso do São Paulo significaria o reavivamento das legiões de cassandras, sempre prontas a dizer: “Bem fei-

to, quem mandou gastar tanto, inflacionar o mercado”. Indiferentes, os são-paulinos continuaram investindo. Zé Sérgio está sem condições? Lá se foi o São Paulo comprar Mário Sérgio. Ou seja: para substituir o melhor do Brasil, só mesmo outro melhor do Brasil.

Essa foi a filosofia que levou de roldão não apenas a Ponte Preta, mas sobretudo a preguiçosa incompetência dos demais clubes chamados “grandes”. A Ponte Preta foi brava, caiu com fibra, mas tivesse ousadia — como ensinou o tricolor — e teria investido num centroavante capaz de tornar seu ataque insinuante e perigoso. Tivesse esse ataque insinuante e perigoso, e o time campineiro talvez não amargasse outro vice.

É claro que o São Paulo correu riscos, durante a disputa. O principal deles — e quase inevitável num time só de craques — foi o espectro do “já ganhamos”, com a conseqüente subestimação dos adversários. Em algumas partidas, os craques são-paulinos viram-se obrigados a descalçar os saltos altos e retornar ao mundo dos mortais. A grande vantagem do craque, porém, é que ele está

Mudanças de fôra. E houve momentos em que tudo parecia ir por água abaixo. Não foi



violência o atemorizam



JB SCALCO

Serginho dá o chapéu em Carlos e...



JB SCALCO

...arremata para fazer o segundo gol



JB SCALCO

Mário Sérgio diz que a "Máquina" não tem coração. Seu time tem

sempre disposto a aprender. E os do São Paulo aprenderam com seus erros.

Veterano de muitos títulos e amadurecido em inúmeras decisões, Mário Sérgio se esticou numa cama, após a partida de domingo, e definiu o seu time:

— Não concordo que nos chamem de "Máquina". Máquina não tem coração, e o São Paulo só conseguiu este título porque, acima de tudo, pôs o coração nos pés. A Ponte teve sua chance, no primeiro jogo (1 x 1), mas felizmente não soube aproveitá-la. E nós aprendemos a lição: este time do São Paulo não comete os mesmos erros duas vezes seguidas.

O coração são-paulino teve vários nomes, nestes momentos de decisão. Chamou-se Éverton no primeiro jogo, quarta-feira, quando foi preciso meter a canela nas bolas divididas, ainda que tal bravura tenha significado uma suspensão que levou o menino paranaense a chorar nas arquibancadas, no domingo. Pulsou com garra no peito gringo de Darío Pereyra, que acredita em todas as bolas, no ataque ou na defesa. O coração tricolor foi Marinho Chagas, que esbanjou uma categoria mais amadurecida e solidária,

Querem pegar o Fla campeão do mundo

e que vibrou como criança pelo primeiro título regional conquistado desde que virou craque (antes, só tivera essa alegria no ABC de Natal).

Renato também foi um coração talentoso e bravo, a lutar em todo o campo, desarmando e oferecendo opções de ataque. Mais frio, Valdir Peres garantiu sob as traves o título que Mário Sérgio regeu no meio-campo, coadjuvado pelo dedicado Almir, a quem só importa o brilho coletivo. Mas, pelo menos no domingo, o coração tricolor chamou-se principalmente Serginho, o herói que jogou no sacrifício, semicurado de uma contusão.

— Eu sei que joguei mal e não fiz nada o jogo inteiro. Mas artilheiro não tem que jogar bem. Tem é que fazer gols.

É. Mas não precisava ser um golaço, como o que Serginho fez, aos 41 minutos do segundo tempo, dando um chapéu no goleiro Carlos e matando as ilusões da Ponta Preta. Quando o jogo acabou, o artilheiro foi o jogador mais festejado pelos torcedores. Mal teve tempo de consolar o adversário Juninho e caiu nos braços do povo. Coração plebeu, anunciava a sua festa: nem na pista do badalado

Sao Paulo bi E Marinho Chagas ganhou seu primeiro grande título regional



Dário Pereyra carregado em triunfo pela torcida tricolor. O uruguaio é um dos símbolos do bicampeonato

JB SCALCO

Hippopotamus, como Dário Pereyra, nem bebendo *Moët et Chandon* em casa, como Marinho Chagas. Simplesmente tomando cerveja e sambando, na quadra da escola de samba Camisa Verde.

Merecem tudo, esses craques do São Paulo que souberam aliar técnica e fibra e escreveram um belo capítulo na história do futebol brasileiro: o do talento triunfante sobre a acomodação. Como o Flamengo, o São Paulo, grande e forte, sintetiza um futebol de artistas e de lutadores. Talvez por isso, o diretor Jaime

Franco, após anunciar um prêmio de 1 milhão de cruzeiros para cada jogador e afirmar que "o São Paulo terminou o campeonato com *superávit*", prometeu um jogo entre os dois times, no Morumbi, no dia 25 de janeiro:

— Só espero que até lá o Flamengo seja campeão mundial interclubes. Vamos fazer um jogo e tanto, não?

Será um belo espetáculo, sem dúvida, o que colocará frente a frente as duas melhores equipes do Brasil (veja também na pág. 19). Uma, formada pela cora-

gem de investir no futuro e esperar os frutos das divisões inferiores. Outra, pela ousadia empresarial de quem sabe o que quer e compra. Não há outros caminhos, ensinam ambos. O São Paulo ousou e venceu. Desse modo, mais que o 13.º título regional de sua história, os são-paulinos têm motivos para festejar sua conquista. Ela é a vitória de quem encara o futebol com amor. E, por isso mesmo, justíssima.

Por MARCO AURÉLIO BORBA 

AS GRANDES RIVALIDADES



X



SAN-SÃO

Em campo, dois gigantes que sempre cultivaram a técnica refinada e a boa amizade

Santos e São Paulo são a prova definitiva de que, pelo menos no futebol, nem só de ódio vivem as grandes rivalidades. De um clássico apelidado de San-São, seria justo esperar uma história repleta de conflitos e gestos de vingança. Não é o que acontece, mas nem por isso o apelido é mentiroso. Afinal, como o personagem bíblico que evoca — Sansão, cuja força se concentrava em seus longos cabelos — Santos e São Paulo sempre protagonizaram duelos dignos de gigantes.

Gigantes não propriamente pela força. Gigantes, isto sim, pela técnica de um futebol solto, alegre, em que o talento sempre predominou sobre a garra, produzindo jogos inesquecíveis, goleadas deslumbrantes.

Como, por exemplo, aqueles 6 x 3 impostos pelo Santos a 3 de setembro de 1961, lembrados até hoje por Pelé,

autor de quatro gols, como “um dos jogos mais bonitos e emocionantes que disputei em toda minha vida”. Tão emocionante que o jornal *A Gazeta Esportiva*, de São Paulo, o classificaria de “antológico, disputado por dois times perfeitos e que só não terminou com os 3 x 3 estabelecidos até os 25 minutos do segundo tempo porque o Santos tinha do seu lado um deus chamado Pelé”.

**A média do clássico:
3,5 gols por partida**

Na verdade, este clássico nasceu e cresceu sob o signo das grandes goleadas. Nos três primeiros jogos não houve vencedores, mas sobraram gols e emoções (2 x 2, 3 x 3 e 2 x 2). No quarto, o São Paulo ganhou de 4 x 2 e, nos con-

frontos seguintes, estabeleceria outras contagens expressivas — 4 x 0, 5 x 1, 4 x 1. Mas nenhuma delas tão humilhante quanto os 9 x 1 de 18/6/1944, maior goleada registrada até aqui.

O São Paulo era, naquele tempo, uma verdadeira máquina de jogar futebol. Quase tão grande quanto o esquadrão que o Santos montaria a partir de 1955 até 1969. Bicampeão paulista em 1942/43, o tricolor buscava o tri com uma linha de ataque arrasadora: Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Naquele dia, Leônidas não pôde jogar e foi substituído por Tim, craque já veterano que não conseguia uma vaga de titular. O São Paulo começou perdendo, mas engrenou a partir dos 20 minutos e terminou o primeiro tempo ganhando de 3 x 1. No segundo, encurralando sempre o adversário, completou o marcador, fazendo mais seis gols.



Palhinha x Mário Sérgio: um duelo com muito talento e muita malícia

O reflexo mais evidente deste estilo franco de jogo são os 590 gols que São Paulo e Santos assinalaram ao longo de suas 169 disputas*, numa média de 3,5 gols por partida — excelente em se tratando de um clássico. E nem se diga que a importância deste ou daquele jogo alterava o comportamento das equipes em campo. Em 1956, quando se cruzaram pela primeira vez na decisão de um título, houve seis gols — e o Santos saiu vitorioso por 4 x 2.

Campeão do ano anterior, o alvinegro propôs que a final fosse numa série

* São 74 vitórias do São Paulo, 58 do Santos e 37 empates.

de melhor de três partidas. O tricolor, por reconhecer a inferioridade de seu time, não aceitou. Queria o tudo ou nada. Na semana que antecedeu o grande

O goleiro tricolor estava na gaveta

jogo, a cidade de Santos foi varrida por uma verdadeira onda de boatos, segundo os quais os jogadores Hélvio, Manga e Ivan estavam na gaveta. Por via das dúvidas, o vice-presidente Modesto Roma resolveu checar a informação com o presidente da Federação Paulista, João Mendonça Falcão. Este acon-



Juari em 78: mergulho para marcar



Zé Sérgio em 80: trauma do doping

selhou-o, então, a procurar o presidente do Corinthians, Alfredo Ignácio Trindade, que se propôs a fazer algumas investigações por conta própria. Seu raciocínio era simples: ajudando o Santos, estaria prejudicando o São Paulo, com quem o Corinthians disputava a hegemonia dentro do chamado Trio de Ferro, completado pelo Palmeiras.

Faltando meia hora para o início da partida, com os dois times já no aquecimento, Trindade chegou apressado ao vestiário santista, chamou Modesto Roma de lado e lhe disse:

— Manda tirar o Hélvio e o Ivan. O Manga você pode deixar.

E assim foi feito. Resultado: o Santos, que perdia por 2 x 1, acabou vencendo por 4 x 2. Mais tarde descobriu-se que, na verdade, quem estava subornado era o goleiro argentino do São Paulo, Bonelli, posteriormente mandado embora do clube.

Em 1962, já em plena era Pelé, o Santos conquistaria um novo título em

JOSÉ PINTO
RONALDO KOTSCHO
JB SCALCO



FOTOS ABRIL

Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe: a linha mais famosa do Santos, responsável pelos 6 x 3 de 1961



Com Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal, o São Paulo marcou 9 x 1 em 1944, maior goleada do clássico

cima do São Paulo, goleando-o por 5 x 2. O tricolor, que daquela vez estava fora do páreo, chegou a fazer 2 x 0, mas não suportou a reação do adversário, que virou o marcador e conquistou o primeiro tri de sua história, com várias rodadas de antecedência.

Esta derrota ficou entalada na garganta da torcida são-paulina e só pôde ser descontada no ano seguinte, precisamente a 15/8/1963. Até hoje os tricolores se referem a esta partida, orgulhosamente, como o dia em que o time de Pelé fugiu de campo.

E foi o que aconteceu. O Santos, invicto, liderava o campeonato com três pontos perdidos. O São Paulo ocupava a quarta colocação e fazia estrear o centroavante Pagão, comprado justamente do Santos. Vencia por 2 x 1 aos 37 minutos do primeiro tempo, quando o paraguaio Cecílio Martinez escapa pela direita e lança Sabino, que amplia para 3 x 1.

Pepe, cansado de ganhar títulos

O Santos pede impedimento. Coutinho xinga o juiz Armando Marques e é expulso. Pelé também corre em direção ao árbitro de dedo em riste e gritando: "Foi impedimento, seu ladrão!" Posto também fora de campo, Pelé diria mais tarde: "Quero que um raio caia sobre minha família se eu o ofendi".

Para o segundo tempo, o Santos volta sem Aparecido e logo aos cinco minutos leva o quarto gol. Imediatamente, atendendo ordens do banco, Pepe e Dorval caem no chão simulando contusões. Aos seis minutos, com apenas seis jogadores do Santos em campo — naquele tempo as substituições não eram permitidas —, a partida é encerra-



Em 1956, Alfredinho, Jair, Pagão, Vasconcelos e Pepe

da, sob protestos do zagueiro Belini, do São Paulo:

— Foi uma falta de respeito deles para com o nosso time e a nossa torcida.

Fiéis aos laços de amizade que sempre uniram os dois clubes, o Santos prefere descarregar toda a culpa em Armando Marques. Sua diretoria divulga um comunicado à imprensa afirmando que "este *senhor* não tem condições de apitar nossos jogos".

Com a estréia de Pagão no São Paulo, que lhe foi particularmente desastrosa, o Santos teria uma boa desculpa para evitar futuras negociações com o rival. Mas, contrariando uma norma que costuma pautar as relações comerciais entre times grandes do mesmo Estado, Santos e São Paulo sempre mantiveram um intenso intercâmbio de jogadores. Além de Pagão, também Vasconcelos, Jair Rosa Pinto, Mauro, Néelson, Gilberto, Toninho Guerreiro e Aílton Lira, entre outros, conheceram os dois lados desta rivalidade que, como se vê, raramente extravasou os limites das quatro linhas do gramado.

Em 1967, Toninho pertencia ao alvinegro quando, pela segunda vez, o Santos voltou a decidir um título diretamente

com o São Paulo. E foi ele quem fez o segundo gol da vitória de 2 x 1, a qual mereceu o seguinte comentário irônico do ponta-esquerda Pepe: "Estamos cansados de ganhar títulos paulistas. É como ganhar gravata no Natal".

Na verdade, o Santos se tornava novamente campeão com a ajuda direta do Corinthians, que cinco dias antes havia arancado um ponto importantíssimo do São Paulo. Se vencesse aquela partida — e se o alvinegro da Vila perdesse um recurso que havia impetrado na justiça desportiva — o tricolor seria campeão antecipadamente. E a vitória por 1 x 0 foi sustentada até os 44 minutos do segundo tempo quando, então, Benê igualou para o Corinthians, frustrando a festa da torcida são-paulina. Em função desse empate, o Santos desistiu de brigar na justiça e, em campo, conseguiu a vitória que iniciou a caminhada rumo ao segundo tri da sua história.

0 x 0 emocionante como uma goleada

Aliás, esta série de títulos foi coroada em 1969 numa outra decisão contra o mesmo São Paulo. Ao final de um quadrangular que incluía ainda Palmeiras e Corinthians, os dois times sobraram na final, com vantagem para o Santos, que precisava apenas do empate. Depois de 90 minutos intensos, o 0 x 0 não fez jus ao excelente futebol apresentado em campo. Como se recorda Toninho:

— Foi 0 x 0, mas bem poderia ter sido 3 x 3 ou 4 x 4. Jogamos aberto, buscando o gol. Tenho certeza de que o público gostou do espetáculo.

No ano seguinte, Toninho trocava a Vila Belmiro pelo Morumbi. No São Paulo, ele alcançaria seus quarto e quinto

x 1. Temendo uma goleada histórica, o Santos de Pelé não hesitou: fugiu de campo



Toninho, parceiro de Pelé, foi tricampeão paulista pelo Santos em 1967/68/69. Vendido ao São Paulo, conquistou o penta em 1970/71



títulos consecutivos — um feito inédito.

Já com o grande centroavante fora de cena, o clássico San-São se repetiria mais duas vezes numa final de campeonato. Em 1978, com o neguinho Juari vestindo a 9 que pertencera a Pagão, a Coutinho e a Toninho, e tendo Néelson e Gilberto — ambos ex-tricolores — nas duas laterais, o Santos levantou seu primeiro título depois da despedida de Pelé, quatro anos antes. A guerreira tor-

cida santista despertava de um longo pesadelo e voltava a acreditar que a glória era possível mesmo com a ausência do grande Rei.

Dezesseis meses depois, em novembro de 1980, viria a vingança. Perturbado pelas acusações de doping que pairavam sobre o ponta Zé Sérgio, só a duras penas o São Paulo conseguiu passar pela Internacional de Limeira e pela Ponte Preta, levantando o segundo tur-

no e ganhando o direito de ir às finais. A esta altura, chegar ao título era, na visão dos jogadores tricolores, a melhor vingança contra as humilhações sofridas pelo traumatizado Zé Sérgio, então considerado um dos maiores destaques da seleção brasileira.

E foi com tal espírito que o São Paulo foi a campo. Venceu as duas partidas e, de certa forma, prestou um favor ao rival. Mostrou ao Santos que o

Depois da derrota, o Santos começa a mudar

ciclo dos Meninos da Vila — heróis do título de 1978 — estava definitivamente encerrado. Uma nova revolução se fazia necessária para satisfazer os desejos de uma torcida que, forjada na alegria dos grandes triunfos, se tornava cada vez mais exigente. E, nesse sentido, sempre guardou um marcante traço de identidade com a rival torcida tricolor, embora com uma diferença: é muito mais presente.

Por JOSÉ MARIA DE AQUINO 

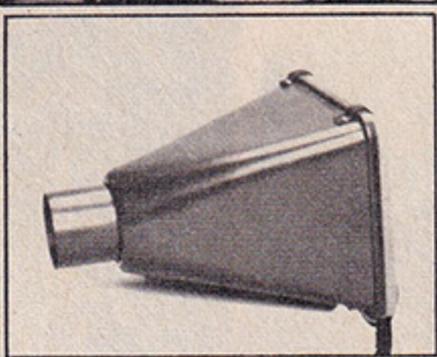


PROJETOR COMPLETO Cr\$ 15.500

KIT COM FOCALIZADOR Cr\$ 6.700

VIDEO GIGANT LTDA.

R. Frei Monte Alverne, 796 - V. Aricanduva - São Paulo - SP - CEP 03505 - Cx. Postal 16172 - tel.: (011) 296-5764.



VIDEO GIGANT

A verdadeira projeção americana com lente de cristal chegou ao Brasil para transformar a sua TV a cores ou P&B e seu Super-8 num cinema que vai divertir você, sua família e os seus amigos!

A revolucionária **projeção americana** de VIDEO GIGANT aumenta as imagens do seu TV em mais de 1,5 x 2 m, em paredes ou telas (mesmo ao ar livre), transformando sua sala ou mesmo um quarto pequeno num autêntico cinema onde você, sua família e seus amigos poderão assistir jogos de futebol, novelas e todos os seus programas preferidos confortavelmente. Absolutamente seguro, VIDEO GIGANT não tem nenhuma conexão elétrica, é facilmente removível, quase não toma espaço e pode ser usado em televisores de 10 a 26" com excelente qualidade de imagem.

VIDEO GIGANT pode vir completo ou em Kit (lente com focalizador, com instruções sobre a montagem do gabinete), ambos com a mesma qualidade e garantia da VIDEO GIGANT.

Peça agora mesmo seu VIDEO GIGANT completo ou em Kit pelo Reembolso Postal ou Varig (com um cheque nominal para VIDEO GIGANT LTDA. antecipado, você tem 10% de desconto). Com a real projeção americana, seu cinema em casa vai ser um sucesso todos os dias!

SIM, quero receber pelo Reembolso Postal Reembolso Varig:
 VIDEO GIGANT completo, pelo preço unitário de Cr\$ 15.500,00.
 O Kit de VIDEO GIGANT (com manual e lente c/ focalizador para montagem) por Cr\$ 6.700,00 a unidade.

Se enviar anexo ao cupom um cheque nominal para VIDEO GIGANT LTDA. sei que terei direito a 10% de desconto.

Minha televisão tem _____ polegadas.

Nome _____

End. _____

Cidade _____ Est. _____

CEP _____ Assin. _____

NÃO HAVERÁ DESPESAS DE FRETE PARA VOCÊ.



DE FRENTE PARA O CRIME...

Em matéria de boa colocação em campo, nosso time de fotógrafos é imbatível. Um, da linha de fundo, clic na falta de Darío Pereyra. O...

RONALDO KOTSCHO

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO
JOÃO FARAHA
2024



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ